

## O FREVO NA ESCOLA EM DIÁLOGO COM A LEI 10.639/03<sup>1</sup>

Lyane Marcelle Cavalcante Santos <sup>2</sup>

Carolina Dias Laranjeira <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho trata do resultado da pesquisa de Mestrado intitulada “O Frevo e as suas multilinguagens na escola: uma proposta pedagógica para o ensino fundamental II” que teve como objetivo investigar o frevo na educação básica de ensino, enquanto expressão cultural, social e corporal, tendo-o como referencial metodológico para práticas pedagógicas no Ensino Fundamental II, no Colégio Municipal Humberto Barradas, na cidade do Jaboatão dos Guararapes. Desenvolvida no programa Prof-Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a pesquisa aborda o estudo do frevo através das suas multilinguagens artísticas, considerando os diálogos possíveis com a dança, a música, o teatro e as artes visuais, além de brincadeiras populares entendidas como artes integradas, referenciadas pela BNCC. No presente texto tratamos das relações entre a proposta pedagógica elaborada durante a pesquisa e sua abordagem sobre a Lei 10.639/03 ao estabelecer diálogos antirracistas na escola. Tal abordagem envolveu a realização de encontros semanais, nas aulas de arte, com o grupo focal de estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental II, por meio de vivências práticas e aulas teóricas, incluindo as relações entre frevo e capoeira. O estudo evidenciou que o frevo pode ser uma potente ferramenta para o desenvolvimento de habilidades corporais, sociais e expressivas, além de contribuir para o reconhecimento e valorização da cultura local, de saberes corporalizados afro-brasileiros, assim como de métodos de ensino dos passos da dança como o MNP (Método Nascimento do Passo). Conclui-se que práticas educativas fundamentadas na cultura popular ampliam as possibilidades de ensino-aprendizagem, promovendo maior engajamento dos estudantes e favorecendo uma educação mais significativa e voltada para práticas de respeito e atitudes antirracistas na escola.

**Palavras-chave:** Frevo, Frevo na Escola, Antirracismo, Ensino e Artes.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo trata de um recorte de pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Arte, pelo programa Prof-Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no ano de 2023, intitulada *O Frevo e as suas multilinguagens na escola: uma proposta pedagógica no Ensino Fundamental II*. Ela consistiu em uma

---

<sup>1</sup>O artigo apresenta resultado de pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes-UFPB), concluído em 2023.

<sup>2</sup> Mestra em Artes pelo Programa ProfArtes-UFPB (2023). Professora de Jaboatão dos Guararapes -Pernambuco. professoralayartes@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora Orientadora, Doutorado em Artes Cênicas (UFBA), Departamento de Artes Cênicas/ PROF-ARTES (UFPB). cdl@academico.ufpb.br.



investigação de caráter pedagógico que toma o Frevo como eixo central, evidenciando as possibilidades educativas advindas do diálogo com as diversas linguagens artísticas que o constituem e o coloca em diálogo com a Lei nº 10.639/03. A pesquisa foi realizada na Escola de Tempo Integral – Colégio Municipal Humberto Barradas, localizada no município de Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco, contando com a participação de 30 estudantes matriculados no oitavo ano do Ensino Fundamental II.

O Colégio Municipal Humberto Barradas - CMHB - pertence à rede de Ensino de Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco. Desde 1967 funciona como instituição de educação básica de ensino. No ano de 2013, de acordo com a lei Municipal de nº 849/2013, passou a ser uma instituição de Tempo Integral, atendendo as turmas de estudantes do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Desde o ano de 2022, tenho atuado como Professora de Arte nesta unidade de ensino.

O Frevo constitui-se como uma manifestação cultural de caráter carnavalesco, reconhecida como símbolo identitário da cidade do Recife, capital de Pernambuco, e elevada à condição de patrimônio imaterial do Brasil desde 2012, pela UNESCO. Enquanto expressão artística, articula música e dança em uma performance marcada pela intensidade, pela energia e pela agilidade de seus passos. A dança do frevo é executada por passistas ou foliões que criam os passos de acordo com o ritmo disposto pelas orquestras, de forma criativa, livre e improvisada, mas que também foi objeto de sistematização por vários métodos e Mestres.

A pesquisa estimulou a efetivação da Lei nº 10.639/03, a qual estabelece a obrigatoriedade da inserção da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo oficial da educação básica, por meio de conteúdos apresentados na disciplina Arte, entre outras. Com o propósito de promover a prática dessa legislação para além do calendário cívico escolar — que, em grande parte, restringe o debate a eventos pontuais, como a Semana da Consciência Negra —, enfatizamos a relevância das relações étnico-raciais a partir do estudo do Frevo. Nesse sentido, as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, possibilitaram diálogos com diferentes linguagens artísticas, ao mesmo tempo em que permitiu problematizar aspectos históricos e sociais de sua origem. Entre esses, destaca-se a relação intrínseca do Frevo com a Capoeira, expressão de matriz africana e popular, cuja presença reafirma a centralidade das culturas negras na formação identitária dessa manifestação.

A pesquisa trouxe fundamentações teóricas diversas que dialogam com o universo do frevo, da escola e dos pensamentos decoloniais propostos para uma



cosmovisão das correlações étnico-raciais. Para o frevo enquanto dança, trouxemos Ana Valéria Vicente (2009); Jéfferson Figueiredo (2020). Nas práticas de frevo na escola, Sales (2020), vivenciando práticas dialógicas do frevo com a La Ursa. Outros desdobramentos que estiveram presentes, a partir das legislações da educação, como a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional- LDB nº 9394/96 em diálogo com a BNCC e a Lei 10.639/03, atualizada pela 11.645/08.

A proposta pedagógica estruturou-se a partir da escolha metodológica de vivenciar durante um semestre letivo, junto às turmas do 8ºano, o estudo sobre o Frevo, articulando aulas diversificadas, em consonância com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), abrindo assim, possibilidades para a abordagem dessa manifestação a partir de suas múltiplas linguagens artísticas. Nesse percurso, foram desenvolvidas práticas de dança, atividades de desenho, elaboração de máscaras e figurinos, além da realização de mostras expositivas que contemplaram os grupos temáticos, a partir de passistas de Frevo e pesquisadores do brinquedo popular, vivências com a capoeira, estudo dos passos do frevo e rodas de diálogo sobre a importância da cultura dentro da escola.

Entre os 30 participantes da investigação, de três turmas do 8º ano, a maioria optou por explorar o Frevo a partir das artes visuais, engajando-se na produção de desenhos, na confecção de máscaras e na pesquisa de outros elementos que compõem o brinquedo popular. Um segundo grupo estabeleceu vínculos entre o Frevo e a capoeira, articulando corpo, dança e luta em suas produções, o que se mostrou significativo diante da experiência prévia de alguns estudantes com a prática da capoeira fora do ambiente escolar. Já o terceiro grupo voltou-se para a linguagem da dança, aprofundando-se no estudo dos passos do Frevo e desenvolvendo propostas de experimentação corporal, associadas à criação de brincadeiras que potencializaram a prática e a vivência dos movimentos. Dessa forma, a divisão dos grupos não apenas respeitou os interesses individuais, mas também possibilitou um processo formativo plural, no qual diferentes linguagens dialogaram entre si, ampliando a compreensão crítica e estética sobre o Frevo.

A pesquisa gerou um artigo científico sobre a prática pedagógica na escola e um material pedagógico intitulado *Brincadeiras do Frevo na Escola*, que teve o objetivo de proporcionar direcionamentos para a prática da dança do frevo a partir de brincadeiras populares existentes no Brasil. O material foi dividido em nove atividades para sala de aula, voltadas para Professores de dança ou de frevo, compartilhando possibilidades e



estratégias para que as quatro linguagens artísticas que compõem a disciplina de arte na escola possam ser vivenciadas como base metodológica para chegar aos *passos* de frevo.

## **ENTRE PASSOS E SABERES: O FREVO EM DIÁLOGO COM A ESCOLA**

O Frevo se configura como uma expressão da cultura popular que integra, de forma indissociável, música, dança, poesia e coreografia, além de carregar em sua essência elementos de resistência, afetividade e intensidade corporal. Transmitida de geração em geração, essa tradição mantém-se viva no imaginário coletivo e continua a reverberar poeticamente em diferentes regiões do Brasil, reafirmando sua relevância cultural e simbólica.

Ao abordar o Frevo em sua diversidade cultural e étnica, estabelece-se um diálogo com a estrutura normativa da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ressaltando-se as múltiplas possibilidades pedagógicas que esse documento legal oferece. A exploração da improvisação de movimentos, bem como o estudo de passos característicos do Frevo, constitui uma prática que favorece desdobramentos significativos no processo formativo, especialmente ao estimular reflexões acerca da ancestralidade dos estudantes. Nesse contexto, a análise das histórias e vínculos familiares em que cada educando está inserido torna-se um elemento central para compreender como a cultura do Frevo se articula com identidades individuais e coletivas.

A pesquisa também se debruçou sobre os atravessamentos que o Frevo possibilita quando trabalhado em diálogo com conceitos afro-referenciados e novas cosmovisões, especialmente no contexto da implementação da Lei nº 10.639/03, posteriormente atualizada pela Lei nº 11.645/08. As atividades propostas buscaram estimular reflexões acerca das relações étnico-raciais e das perspectivas culturais que compõem a estrutura educacional, situando o Frevo como objeto de estudo para além do calendário cívico escolar.

Segundo o parágrafo 2º do artigo 23 da Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira - LDB, nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996, “o calendário escolar deverá



adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de aulas letivas previstas na Lei”. Nesta pesquisa, o Frevo pode ser estudado durante um semestre letivo, no ano de 2022, utilizando as aulas semanais de arte para tal finalidade, tendo as aulas devidamente planejadas em diálogo com pensamentos antirracistas para a escola.

Alguns estudos têm levado o frevo como conteúdo para as aulas de artes e alguns percebem essa necessidade de romper com as práticas coloniais. Hayla César de Sales (2020, p.35), trouxe em sua pesquisa de mestrado esse fato: “É perceptível que as abordagens e proposições que ainda imperam na escola e na educação formal são frutos dos processos históricos e das relações de classe pautadas em uma pedagogia colonial modelar”.

Através de pensamentos e prática decoloniais podemos vivenciar no chão da escola espaços possíveis para todas as culturas e cosmovisões rompendo com o embranquecimento dos saberes, o preconceito imposto no currículo e o racismo estrutural dentro das instituições escolares.

## **ENTRE GINGAS E TESOURAS: O FREVO E SUA ANCESTRALIDADE NEGRA**

A resistência histórica do Frevo dialoga diretamente com a ancestralidade negra, popular e indígena presentes no contexto pós-abolição da escravatura, sendo assim uma tradição afro-diaspórica, enraizada nos movimentos de resistência étnico-raciais do Brasil.

A origem do Frevo está intrinsecamente relacionada ao processo de urbanização da cidade do Recife, em um contexto marcado pelo fim da escravidão e pelas intensas transformações sociais e culturais que caracterizaram o início do século XX, consequentemente dialogando com o povo negro. No livro *Entre a ponta de pé e o calcanhar* da pesquisadora Ana Valéria Vicente (2009), podemos identificar o cenário em que frevo nasce:

É nesse contexto de redefinição da sociedade, numa conjuntura em que o desejo de modernização precisava lidar com a massa de ex-escravos e o decréscimo da cultura canavieira – principal fonte econômica do Estado – que o frevo se configura como forma de música e dança popular (referente a classes menos favorecidas) e que encontra o seu ápice de realização nas festas carnavalescas. (VICENTE, 2009, p. 41).



Nesse sentido, o Frevo se relaciona diretamente com a cultura afro-brasileira, pois depois da abolição da escravatura, os grupos de pessoas que frequentavam as manifestações carnavalescas eram de origem negra, popular e indígena. Valdemar de Oliveira (1985) aponta a relação do passo com a capoeira, pensando sobre uma herança deixada pelos corpos existentes naquele contexto: “O passo do carnaval do Recife detém, nitidamente, a ginga — mas se desdobra depois, numa dança que não obedece a nenhum golpe fundamental dos antigos capoeiras, mesmo aqueles que tragam denominações semelhantes, como é o caso da tesoura, que é uma coisa na capoeira e outra no *Passo*”. (OLIVEIRA, 1985: IO1 e IO2).

Compreender a dimensão social da tradição do frevo, significa reconhecer os sujeitos que faziam parte desse elemento originário, oriundos das camadas populares e o apagamento dos seus corpos durante muito tempo no processo histórico e colonizador:

Compõem o material que criou o frevo todos os que frequentavam o centro do Recife àquela época: operários do porto, das fábricas e do comércio, jornalistas, profissionais liberais, biscateiros, desempregados e marginais. Gente que se reunia para, num momento de divertimento, acompanhar as bandas do exército e da polícia militar, que desfilavam e realizavam retretas em praça pública. Acompanhando o espírito da época e os movimentos que surgiam na multidão, os músicos das bandas aceleraram o andamento das músicas de moda, como o maxixe e a polca, e foram criando a música frevo. Ao mesmo tempo, era gestada a dança do frevo, que sugeria volteios e dinâmicas para a música que estava sendo criada. Aos poucos, as novas músicas foram ficando famosas e os passos ganharam nome, sendo citados nos jornais da época. Era o frevo que tomava suas formas (VICENTE; SOUZA, 2015, p. 28).

Outro marco importante para a história do frevo em diálogo com a sua ancestralidade negra vem de Nascimento do Passo, um dos passistas e professores de frevo mais importantes para o frevo enquanto dança. Francisco Nascimento Filho, um homem negro, nascido no estado do Amazonas, vem morar em Olinda, em 1949, onde aprendeu o frevo nos ensaios do clube Vassourinhas. Na década de 70, Nascimento iniciou a sistematização dos passos de frevo, agora como professor, organizando a sua compreensão do frevo e criando uma metodologia de ensino para perpetuar e salvar os *passos* de frevo. Hoje conhecido como MNP ou Método Nascimento do Passo, sua metodologia consiste no processo de repetição de movimentos como base principal, dividindo o ensino dos passos a partir da sua lógica de movimentos, chamando-os de “família de passos”.



Larissa Bonfim (2019, p.31), trás uma ideia das mudanças histórica vigentes no processo da dança do frevo após a sistematização feita por Nascimento que dialogam com a ancestralidade originária: “Com a difusão do método de Nascimento do Passo, os guarda-chuvas pretos e enormes, verdadeiras armas que fingiam se proteger do sol, foram dando lugar para sombrinhas cada vez menores e coloridas”. Esses elementos presentes no frevo também dialogam com a história, onde vários capoeiras ficavam à frente das maltas, utilizando os guarda-chuvas como objeto de proteção, luta e também esquiva. Outro simbolismo dessa estética em desenvolvimento esteve presente no passo do frevo: “O passo, mais espontâneo e improvisado, feito por todo o povo na rua, foi sendo paulatinamente substituído pela execução técnica de bailarinos que, com seus figurinos, dançam para um público que os observa e aplaude”. (BONFIM, 2019. p. 31).

As correlações estabelecidas entre o Frevo e sua origem vinculada às culturas negras suscitaram reflexões coletivas acerca da dimensão do apagamento histórico da cultura afro-brasileira e da classe trabalhadora no processo de estruturação cultural do país. Jéfferson Figueiredo, trás em sua pesquisa de Mestrado, algumas análises sobre essa estrutura colonial nos saberes capazes de estimular a reflexão em torno das relações étnico-raciais no universo do frevo:

Pensar o corpo que dança frevo hoje é entender, antes de tudo, qual foi o corpo de ontem. Que corpos dançavam frevo? Dançar frevo numa perspectiva de desconstrução no presente é buscar um corpo menos limitado e moldado no frevo ou é uma volta a um corpo que se perdeu e foi silenciado na história dessa dança que é afro-diaspórica? As qualidades de movimento, as intenções, as projeções do corpo... Quem estava nas ruas? Que corpos eram esses? Quem estava na frente dos blocos abrindo-alas? Onde esses corpos foram parar na história dessa dança?. (FIGUEIREDO, 2020, p. 36).

Pensar o corpo que dança frevo hoje, como propõe Figueiredo (2020), é também revisitar a memória dos corpos que estiveram nas ruas, abrindo alas nos blocos, marcando a cidade com movimentos de energia, liberdade e afirmação. Reconhecer esses corpos é compreender que a dança não se construiu de maneira neutra, mas foi atravessada por processos de silenciamento, marginalização e invisibilização de sujeitos negros que deram origem e sentido a essa prática.



## DIÁLOGOS DO FREVO COM A LEI 10.639/03 NA ESCOLA

Ao trabalhar o frevo no chão da escola, sob uma perspectiva crítica e antirracista, resgatamos essa ancestralidade, valorizando o protagonismo negro na construção da cultura brasileira. Mais do que ensinar passos e coreografias, trata-se de criar espaços de reflexão em que os estudantes possam entender a dança como um território político e simbólico, que questiona hierarquias sociais e raciais. O corpo que dança frevo não apenas performa um movimento artístico: ele reescreve na história a presença de corpos que foram subalternizados, mas que resistiram pela potência da arte e da coletividade.

A Lei nº 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996), tornando obrigatória a inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da educação básica. Essa conquista é fruto das reivindicações históricas do movimento negro brasileiro, que há décadas denuncia a invisibilização das contribuições da população negra nos materiais didáticos e nas práticas pedagógicas das escolas. Em 2008, com a promulgação da Lei nº 11.645, a legislação foi ampliada para incluir também a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura dos povos indígenas, fortalecendo ainda mais o compromisso com uma educação plural, inclusiva e representativa.

A proposta pedagógica elaborada durante a pesquisa de mestrado estimulou alguns diálogos do universo do frevo com a Lei 10.639/03, proporcionando vivências antirracistas na escola. Um aspecto importante da pesquisa foi a separação de três grupos focais, todos do 8º ano, sobre o frevo e suas multilinguagens, estudadas por: um grupo que pesquisava a dança do frevo, um grupo que pesquisava a capoeira e um terceiro grupo que pesquisava o frevo e as artes visuais, pensando nos elementos das suas multilinguagens.

O primeiro grupo, que fazia o estudo da dança do frevo, através dos passos de frevo, originados pela capoeira, estudou especificamente o frevo enquanto dança. Este grupo foi constituído por sete estudantes do 8º ano C, sendo seis meninas e um menino, que se dedicaram ao aprendizado e à experimentação dos passos do frevo. Nos primeiros encontros, assistimos alguns vídeos sobre os passos do frevo criados pelo



mestre Nascimento do Passo e fizemos alguns diálogos sobre a execução dos passos e como o mestre os sistematizou, focando principalmente na execução do passo que dialoga com objetos de trabalho braçal. Como observado, no contexto pós-abolição, as pessoas recriam sua experiência de trabalho e produzem o que mais tarde seria, o passo da tesoura ou do ferrolho, movimentos feitos pelos trabalhadores braçais do centro do Recife. Segundo Alexsander Barbozza, os estudantes que participam de práticas com o frevo e vivenciam aspectos sistemáticos dos movimentos do frevo podem refletir sobre aspectos racistas:

Ao acessarem os códigos do repertório do Frevo, as pessoas aprendizes passaram a associar as nomenclaturas dos movimentos às ferramentas industriais, abrindo uma rota para refletir sobre as violências do racismo e as estratégias de resistência das culturas pretas em Recife. (BARBOZZA, no prelo, p. 20).

Outro aspecto importante das pesquisas do grupo da dança do frevo esteve pautada na organização sistemática das aulas práticas, que sempre iniciava com um aquecimento dinâmico com movimentos de ginga da capoeira e músicas do jogo da capoeira. Após esse primeiro momento, vivenciávamos quatro passos básicos diferentes do frevo em cada aula, como: tesoura, saci-pererê, ponta de pé-calcanhar e ferrolho. Nesses encontros sempre havia o reforço da ideia de que os passos do frevo vinham de uma origem afro-brasileira através da capoeira.

O segundo grupo, que pesquisava as práticas da capoeira, por exemplo, foi formado por dez estudantes do 8º ano C, onde três dos estudantes já praticavam capoeira fora da escola com um mestre graduado. As aulas seguiam uma estrutura em que era dividida entre o grupo de dez estudantes e o grande grupo. O primeiro se dedicava à prática corporal da luta, o outro observava e levantava debates sobre a importância da capoeira dentro dos espaços escolares.

Ao assistirmos um dos vídeos que relacionava o frevo e a capoeira, houve um debate sobre a relação das gingas da capoeira como base de aquecimento corporal para a luta e também para a dança. Pensamos sobre a esquivada no jogo da vida, necessária para a sobrevivência, além da análise dos golpes e dos saltos que atravessam as duas práticas corporais. Posteriormente, o grupo de capoeira se apresentou na quadra da escola para toda a comunidade escolar, trazendo algumas vivências práticas que foram estimuladas nos encontros formativos, como debates sobre a importância do respeito à cultura negra nos espaços escolares.



Leda Maria Martins (2002), ao afirmar que “A cultura negra é o lugar das encruzilhadas”, evidencia a potência da ancestralidade africana como espaço de encontros, intersecções e recriações que estruturam a cultura brasileira. O frevo, nesse sentido, pode ser compreendido como uma dessas encruzilhadas, pois nasce da fusão de diferentes linguagens culturais, atravessadas pela experiência da cultura negra no Brasil. Segundo ela: “O tecido cultural brasileiro, por exemplo, deriva-se dos cruzamentos de diferentes culturas e sistemas simbólicos, africanos, europeus, indígenas, e, mais recentemente, orientais”. (MARTINS, Leda. 2002, p. 73).

O terceiro grupo, por sua vez, vivenciou vários aspectos do frevo a partir de elementos visuais como estandartes, máscaras, figurinos, músicas e brincadeiras populares. Um dado importante que liga também às cosmovisões afrocentradas vivenciadas na escola foi que o conteúdo do livro didático do oitavo ano - “Se liga na Arte - Editora Moderna”, trazia em sua capa a imagem de capoeiristas lutando, assim como tinha o próprio conteúdo: Capoeira.

Entendemos o lugar do frevo, com o recorte de suas encruzilhadas percebendo a junção de várias culturas, envolvidas na formação da sociedade pernambucana. Através do estudo das multilinguagens do frevo, enquanto prática pedagógica, estimulou-se o favorecimento da implementação da Lei 10.639/03, quando vivenciado em suas diversas vertentes da sua linguagem, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, capazes de reconhecer e valorizar a herança afro-brasileira que estrutura a cultura nacional.

Ao inserir no currículo uma prática artística de matriz afro-brasileira, a escola não apenas reconhece a herança cultural negra, mas também cumpre sua função social de descolonizar o conhecimento, confrontar desigualdades históricas e combater práticas discriminatórias. Dessa forma, o ensino do frevo transcende a dimensão estética e se consolida como caminho pedagógico para a construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática, concluindo que a arte, especialmente a de raízes afro-brasileiras, é elemento essencial para a formação cidadã e para o fortalecimento da memória coletiva.

## REFLEXÕES DIALÓGICAS CONCLUSIVAS

Refletir sobre o frevo no espaço escolar é, sobretudo, pensar a educação como prática de liberdade. O corpo que dança frevo hoje, quando compreendido em sua dimensão histórica, estética e política, torna-se símbolo de resistência e de valorização



da identidade negra. Nessa perspectiva, o ensino do frevo não apenas preserva uma tradição cultural, mas também afirma a escola como lugar de memória, crítica e emancipação.

O chão da escola pode ser compreendido como um espaço simbólico e concreto de encontro, convivência e produção de saberes. É nele que os sujeitos se constroem, compartilham experiências e estabelecem diálogos que ultrapassam a mera transmissão de conteúdos. Pensar o chão da escola como lugar de estudo das culturas é reconhecer que a educação não se limita às paredes da sala de aula, mas se abre para o mundo, para as memórias coletivas e para as cosmovisões estruturantes de uma sociedade.

Quando o chão da escola se torna palco para a dança do frevo, a roda de capoeira e às festas tradicionais, a escola rompe com a visão eurocêntrica que historicamente estruturou o currículo, e abre caminhos para uma pedagogia plural, crítica e inclusiva, salvaguardando vários saberes e validando a luta contra o racismo escolar, principalmente no que tange as danças afro-brasileiras e africanas.

Nesse sentido, a importância do fomento de leis que estimulem e garantam a liberdade de expressão dos estudantes é de fundamental importância, cabendo ao Professor o papel de romper com estruturas dominantes, escolhendo em suas metodologias conteúdos que estimulem um olhar antirracista dentro dos espaços de saber para romper com o colonialismo e o racismo através de práticas pedagógicas afrocentradas.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2003.

BARBOZZA, Alexsander da Silva. **Experiência pedagógica com a dança frevo no ensino médio em Recife: problematização, articulação, transformação e crítica.** Revista da FUNDARTE, no prelo.

BONFIM, Larissa. **Escolarização do frevo: implicações estéticas e políticas.** Revista Ideologando: Recife, v. 3, n. 1, p. 26-36, 2019. Disponível em: <<https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/65490#>>. Acesso em: 16 Set. de 2025.

CÁRDENAS, Carmela Oscanoa de. **O uso do folclore na educação: O frevo na didática pré escolar.** 1. ed. Recife: Editora Massangana, 1981.

FIGUERÊDO, Jefferson Elias de. **“Faz que vai, mas não vai”:** Frevo e História da Dança, caminhos possíveis de idas e vindas. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral.** In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. Performance, Exílio, Fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. p. 69-92.

OLIVEIRA, Valdemar de. **Frevo, Capoeira e Passo.** Recife: Ed. CEPE, 1971.

SALES, Hayala César de. **Entrelaçando artes: Frevo, Ala Ursa e processos de criação em dança na escola.** Dissertação (Mestrado ProfArtes), Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020.

SANTOS, Lyane Marcelle Cavalcante. **O frevo e as suas multilinguagens na escola: uma proposta pedagógica para o ensino fundamental II.** Dissertação - Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional da Universidade Federal da Paraíba (ProfArtes/UFPB), 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/28874>> . Acesso em: 05 Out. 2025.

VICENTE, Ana Valéria. **Entre a ponta do pé e o calcanhar: reflexões sobre como frevo encena o povo, a nação e a dança no Recife.** Ed. Universitária da UFPE, 2009.

VICENTE, Valéria; SOUZA, Giorrdani de Kiran. **Frevo para aprender e ensinar.** Recife: UFPE, 2015. 154 p. ISBN: 9788541506038.

